

# A VIDA DOS OUTROS

J. M. Coetzee e a questão dos animais

## THE LIVES OF OTHERS: J. M. COETZEE AND THE ANIMAL QUESTION

Maria Esther Maciel\*

Universidade Federal de Minas Gerais /CNPq

### RESUMO

Este artigo aborda, sob a perspectiva da biopolítica, a “questão dos animais” na obra de Coetzee, com ênfase nos romances *A vida dos animais* e *Desonra*. Pretende-se mostrar como o autor, por vias ficcionais, questiona as filosofias antropocêntricas do Ocidente e explora os possíveis nexos entre a violência contra os animais e a violência contra humanos, destacando-se como o pensador contemporâneo que, no campo da literatura, mais contribuição tem dado a esse debate.

### PALAVRAS-CHAVE

J.M. Coetzee, animais, violência, ficção, antropocentrismo

Podemos pensar como o homem e como os bois. Mas é melhor não pensar como o homem...

(Guimarães Rosa, “*Conversa de bois*”)

### ÉTICA E POÉTICA DO VIVENTE

No conjunto dos *Ensaio*s, de Michel de Montaigne, a questão dos animais não emerge exclusivamente no “Apologia de Raymond Sebond”, considerado por Jacques Derrida como “um dos maiores textos pré-cartesianos e anticartesianos que existem sobre o animal”.<sup>1</sup> O ensaio XI, “Da crueldade”, é outro que também abre terreno, em pleno século 16, para a emergência, vários séculos depois, de uma ética e uma política voltadas para os viventes não humanos, visto que, nele, o filósofo se posiciona de forma contundente contra os maus-tratos infligidos aos animais, recriminando a tortura e a

---

\* memaciel@gmail.com

<sup>1</sup> DERRIDA. *O animal que logo sou*, p. 19.

morte cruel desses outros (ele cita seu próprio desconforto diante do sacrifício de um frango).<sup>2</sup> Além disso, ele associa – como já tinham feito Plutarco e Ovídio – a crueldade dos homens contra os animais à crueldade dos homens contra os próprios homens, ao afirmar que “os que são sanguinários com os bichos revelam uma natureza propensa à crueldade”.<sup>3</sup> E como se não bastasse, ainda chama a atenção, no final do ensaio, para o fato de que entre as outras criaturas e nós existem relações que nos obrigam reciprocamente, numa defesa do que poderíamos chamar de uma ética da convivência entre as espécies.

A analogia entre vitimização de animais e vitimização de humanos faz-se presente também na “Apologia de Raymond Sebond”, mais notadamente na parte em que Montaigne trata da escravidão<sup>4</sup> e identifica nos atos de aprisionamento e exploração do animal uma prerrogativa humana para o processo de escravização de pessoas tidas como inferiores na hierarquia dos viventes. A partir da citação de vários exemplos desses atos, ele ainda observa: “Os animais são ainda mais generosos que nós, pois nunca se viu um leão escravo de outro leão, nem um cavalo de outro cavalo.”<sup>5</sup>

Essa associação entre a violência contra os animais e a violência contra as pessoas tem sido hoje uma das poderosas linhas de discussão no campo da biopolítica, além de uma questão premente na literatura contemporânea, a exemplo dos livros de J. M. Coetzee, como *The lives of animals* (1999),<sup>6</sup> no qual o escritor sul-africano aborda as questões do animal e das relações entre humanos e outros viventes por um viés prismático, propiciando um debate aberto e matizado sobre esses tópicos nos campos da ética, da política e da literatura.

Várias vozes se entrecruzam no romance que é, ao mesmo tempo, uma narrativa e um conjunto de ensaios/palestras, em que ficção e reflexão crítica se mesclam de maneira indissociável. A protagonista – uma fictícia escritora australiana chamada Elisabeth Costello, vegetariana por opção ética, que denuncia a crueldade que marca a relação entre homens e animais na nossa civilização – é quem profere as duas palestras enxertadas na trama, “Os filósofos e os animais” e “Os poetas e os animais”. Suas ideias extremas em defesa dos viventes não humanos, em confronto com o antropocentrismo e o especismo ocidentais, suscitam não apenas reações críticas de outros personagens do romance, mas também reflexões de quatro intelectuais não fictícios,<sup>7</sup> incluídas estrategicamente no final, como anexos integrantes do livro. Do que advém o caráter multifacetado do conjunto.

O livro tem como proposição uma afirmação, em forma de analogia, formulada pela própria protagonista: “tratamos os animais como prisioneiros de guerra.”<sup>8</sup> Seja pela caça e pelo sacrifício, seja pelas práticas de matança deliberada e pela escravidão, os

---

<sup>2</sup> MONTAIGNE. *Ensaaios*, p. 201.

<sup>3</sup> MONTAIGNE. *Ensaaios*, p. 203.

<sup>4</sup> MONTAIGNE. *Ensaaios*, p. 214.

<sup>5</sup> MONTAIGNE. *Ensaaios*, p. 215.

<sup>6</sup> As citações desse livro foram extraídas da edição brasileira, *A vida dos animais*, de 2002, em tradução de José Rubens Siqueira.

<sup>7</sup> São eles: a teórica de literatura Marjorie Gabeer, o filósofo Peter Singer, a professora de religião Wendy Doniger e a primatologista Barbara Smuts. Ver COETZEE, *A vida dos animais*, p. 85-145.

<sup>8</sup> COETZEE. *A vida dos animais*, p. 70.

humanos sempre se arrogaram o poder de dispor sobre a vida e a morte desses “outros mais outros que qualquer outro”. Se não há leis que amparam os prisioneiros de guerra, a crueldade acaba por se estabelecer como uma prática legítima para a ordem soberana. E assim acontece com os animais:

O prisioneiro de guerra não pertence à nossa tribo. Podemos fazer o que quisermos com ele. Podemos sacrificá-lo aos nossos deuses. Podemos cortar seu pescoço, arrancar seu coração, atirá-lo ao fogo. Não existe lei quando se fala em prisioneiros de guerra.<sup>9</sup>

Os animais estariam, assim, num permanente “estado de exceção”, ou seja, numa situação extrema “que só inclui algo através da sua exclusão”, para usar aqui as palavras de Giorgio Agamben.<sup>10</sup> Em torno desse eixo, Costello critica o antropocentrismo, discute as práticas de violência dos humanos contra os humanos como consequências da relação de poder/dominação que mantêm com os animais e evidencia como alguns poetas, à feição do inglês Ted Hughes, souberam lidar com a outridade dos animais, sem convertê-los em meros teoremas e metáforas em prol da superioridade humana. Para ela, a crueldade contra os animais é “um crime de proporções inimagináveis”,<sup>11</sup> do qual os humanos costumam escapar ilesos, sem punição.

Se em tais apontamentos de Costello/Coetzee podemos identificar ecos das ideias precursoras de Montaigne, eles também não deixam de nos conduzir às reflexões realizadas por Jacques Derrida na palestra “L’animal que donc je suis”, proferida em Cerisy-la-Salle, em 1997, e publicada posteriormente em livro.<sup>12</sup> Após criticar toda uma linhagem de filósofos representada principalmente por Aristóteles, Descartes e Heidegger, que se valeram do animal para justificar o *logos* como uma propriedade diferencial (e superior) dos humanos em relação aos outros viventes, Derrida mostra como, desde o Antigo Testamento, mais especificamente o Gênesis, o homem se sente autorizado a instaurar sua propriedade e sua superioridade sobre a vida desses outros. Uma superioridade, segundo ele, “infinita e por excelência”, que “tem de próprio ser incondicional e sacrificial.”<sup>13</sup>

Esse “assujeitamento” dos animais, segundo o filósofo, está longe acabar, perdurando, de diferentes maneiras, até os dias de hoje, quando a caça, o sacrifício, o adestramento e a exploração da energia animal tornaram-se práticas obsoletas diante dos métodos tecnológicos instituídos a serviço do mercado e do “bem-estar” da sociedade de consumo: criação e adestramento massivos, experimentações genéticas, inseminações artificiais indiscriminadas, abates em larga escala nas fazendas industriais, aprisionamentos e tratamentos cruéis de porcos e aves nas granjas modernas, etc. A isso Derrida dá o nome de violência e acrescenta:

<sup>9</sup> COETZEE. *A vida dos animais*, p. 70.

<sup>10</sup> AGAMBEN. *O poder soberano e a vida nua (Homo Sacer)*, p. 28.

<sup>11</sup> COETZEE. *A vida dos animais*, p. 82-82.

<sup>12</sup> As citações desse livro foram extraídas da edição brasileira, de 2002, em tradução de Fábio Landa.

<sup>13</sup> DERRIDA. *O animal que logo sou*, p. 44.

<sup>14</sup> DERRIDA. *O animal que logo sou*, p. 52.

Ninguém mais pode negar seriamente e por muito tempo que os homens fazem tudo o que podem para dissimular essa crueldade, para organizar em escala mundial o esquecimento ou o desconhecimento dessa violência que alguns poderiam comparar aos piores genocídios.<sup>14</sup>

A compaixão entra, nesse sentido, como um gesto de compartilhar do sofrimento entre os vivos, de romper “a negação organizada dessa tortura”, dessa guerra sem idade. Mas, como observa Elizabeth Costello, “nossa compaixão é muito rarefeita”.<sup>15</sup> Coetzee, por sua vez, ao levar as ideias de Costello em discussão por outras pessoas e personagens, deixa as questões sem respostas. Ou extrai do conjunto mais uma indagação: o que pode a literatura fazer diante disso tudo?

A obra do autor que dá uma resposta ficcional a essa indagação é, sem dúvida, *Disgrace (Desonra)*,<sup>16</sup> de 1999, na qual as relações entre humanos e animais são tratadas sem dicotomias excludentes, com a mesma complexidade com que são discutidas as relações entre brancos e negros, homens e mulheres no contexto da África do Sul pós-apartheid. Coetzee, nesse romance, evidencia de forma explícita a condição à margem da margem ocupada pelos animais num país com graves problemas de desigualdade social e racial, no qual esses vivos representam o último grau na escala de relevância para a nação e, portanto, podem ser submetidos a todas as atrocidades possíveis por todos os humanos, independentemente da posição que estes ocupam na ordem hierárquica das camadas sociais estabelecidas. São seres, portanto, radicalmente desgraçados, que vivem em extremo estado de penúria, ao mesmo tempo que recebem de alguns personagens da trama manifestações contraditórias (e rarefeitas) de compaixão. Nesse caso, uma compaixão que faz do ato de matar “humanitariamente” a única salvação possível para eles.

Antes de fazer uma leitura mais detalhada do romance, vale lembrar que diversos outros romances de Coetzee abordam o problema animal, como *Foe* (1986), que explora as interfaces entre domesticação e hominização, natureza e cultura, através da figura de Robinson Crusóe em confronto com sua própria animalidade; *In the heart of the country* (1977), diário ficcional de uma mulher insana e solitária que vive no meio rural da África do Sul entre insetos e em contato diário com os animais que cria (ou deixa morrerem) na sua decadente fazenda; *Boyhood* (1997), romance autobiográfico em que as relações entre humanos e animais no mundo rural também merecem uma especial atenção, por apontar os primeiros impactos de uma criança diante da exploração e da matança cruel de animais no campo; e *Diary of a bad year* (2007), que apresenta algumas inserções ensaísticas do protagonista sobre a situação dos animais nas fazendas industriais de produção de carne e outras questões de feição bioética.

Em todos esses livros, J. M. Coetzee coloca em xeque, por vias ficcionais, toda a tradição filosófica mencionada por Derrida, que remonta a Aristóteles, quando o adjetivo “político” foi anexado ao substantivo “animal” para designar o ser humano. Não bastasse isso, Coetzee ainda explora em suas tramas os possíveis vínculos entre a vitimização de

---

<sup>15</sup> COETZEE. *A vida dos animais*, p. 70.

<sup>16</sup> Todas as citações desse livro foram extraídas da edição brasileira, *Desonra*, de 2000, em tradução de José Rubens Siqueira.

animais e problemas sociais humanos. Trata, dessa forma, a questão dos animais como um permanente desafio ético para a humanidade, numa explícita abertura ao debate contemporâneo em torno do problema. Nesse sentido, ele se destaca como o pensador que, no campo da literatura, mais contribuição tem dado a esse debate em expansão em vários campos disciplinares, propiciando novas maneiras de reconfigurar, fora dos domínios do antropocentrismo e do especismo, o próprio conceito de humano.

## MUNDO CÃO

Ao contrário do que se poderia cogitar, *Desonra* não é uma espécie de manifesto em prol dos chamados direitos dos animais, embora o romance trate o tempo todo das controversas relações entre animais humanos e não humanos e problematize, incisivamente, a condição destes últimos numa sociedade atravessada pelo peso histórico da barbárie, num país onde, segundo uma das personagens, na lista de prioridades não existe lugar para eles.<sup>17</sup> Como diz Tom Herron, o livro não advoga nenhuma ideologia, porém, “à medida que a história se desenvolve, os animais emergem das sombras e ocupam um lugar explícito, com um peso ético e político.” “Eles tornam-se o tema do romance, eles se tornam o que importa”, completa.<sup>18</sup>

Metáforas animais são recorrentes nos dizeres do personagem David Lurie, principalmente sob o recurso do discurso indireto livre. Isso ocorre, sobretudo, na primeira parte do romance, quando ele ainda vive em Cape Town e força um envolvimento sexual com Melanie, sua jovem aluna na universidade, após ter se relacionado durante muito tempo com Soraya, uma prostituta que acaba se desvencilhando dele em decorrência de invasão de privacidade.

A propensão do professor de meia-idade a caracterizar pessoas e situações em seu entorno com termos oriundos do campo semântico zoo se faz ver em diversas passagens: Soraya, por exemplo, é caracterizada como “cobra” no ato sexual e como “raposa na toca com os filhotes”, quando ele a assedia na própria casa dela; Melanie é comparada a uma “pobre avezinha” que ele aperta contra o peito; ele mesmo se compara ironicamente a “um tubarão no meio de peixinhos indefesos”, ao ser acusado pelos próprios colegas de ter cometido abuso contra a aluna e, num movimento inverso, caracteriza seus detratores como “caçadores que encurralaram um animal estranho e não saber como acabar com ele”. Por ser um homem urbano por excelência, os animais se afiguram para ele quase sempre como metáforas ou referências culinárias.

Não é de estranhar, portanto, que quando vai para fazenda da filha, depois de ter sido exonerado do cargo de professor por assédio sexual, David chegue lá um tanto despreparado para a convivência direta com os animais e passe por um processo de animalização que, paradoxalmente, não deixa de levá-lo ao reconhecimento de sua própria condição humana (não necessariamente superior à dos demais viventes). Tanto que, numa das passagens, ele diz à filha, Lucy: “A única vida que existe é esta aqui.

<sup>17</sup> COETZEE. *Desonra*, p. 86.

<sup>18</sup> HERRON. The dog man: becoming animal in Coetzee's *Disgrace*, p. 472, tradução minha.

Que a gente reparte com os animais.”<sup>19</sup> E o que é a vida dos animais no mundo rural rústico, antes (ou à revelia) do surgimento das fazendas industriais do mundo contemporâneo? Como já apontou John Berger, entre os camponeses, animais são “subjugados e idolatrados, criados e sacrificados”. Diz ele:

Um camponês se torna amigo de seu porco, e fica feliz em salgar sua carne. O que é significativo e difícil para a compreensão de um estranho, morador das cidades, é o fato de as duas sentenças estarem ligadas por um *e*, e não por um *mas*.<sup>20</sup>

A convivência entre espécies, atravessada por sentenças contraditórias, compõe uma espécie de comunidade híbrida, na qual a animalidade não é vista como um perigo, mas como uma condição compartilhada ente seres diferentes. Porém, é uma ordem regida pelo poder humano de matar ou deixar viver, e esse é um paradoxo que faz parte da vida de Lucy – jovem de ideais libertários que adota a vida de camponesa –, Petrus, um trabalhador negro que, após o desmantelamento do apartheid, torna-se sócio dela na fazenda, e os animais considerados úteis. Um paradoxo feito de afetos e crueldade ao mesmo tempo.

Muitos animais preenchem os dias e as horas de David Lurie no campo: desde os carneiros, que serão abatidos e servidos na festa de Petrus, não sem antes perecerem de sede e fome pelo simples fato de estarem condenados à morte, até os patos, as galinhas, os porcos, as cabras, os bodes, os gansos, o gado, os gatos, as abelhas, os pássaros em gaiola, os pombos, as moscas que ocupam o espaço comum da fazenda. Todos são postos em alto relevo no romance a partir do momento em que David sai do espaço urbano e se defronta com o outro lado da realidade econômico-social da África do Sul, onde experimenta sua “catábase”, sua descida aos infernos mais efetiva, sobretudo após o traumático episódio em que Lucy é estuprada por três homens negros e, contra a postura vingativa do pai, aceita conscientemente a situação, por achar que a reparação histórica dos crimes cometidos contra os negros no passado é um processo necessário e quase impossível de ser detido.

Mas não são propriamente os animais úteis da vida rural que passam a povoar a nova vida de David e, por extensão, grande parte da narrativa, e sim os cães abandonados, doentes, carentes e condenados ao extermínio porque não servem para nada, “porque são indesejáveis: *porque são demasiados*”, para usar aqui as palavras do narrador.<sup>21</sup>

Por um lado, há os cães do “hotel” canino que Lucy mantém no quintal de casa, os quais recebem um tratamento digno, já que estão ali para serem cuidados enquanto esperam por seus donos, embora não haja garantias de que estes voltem para buscá-los e paguem Lucy pelos serviços prestados. Esse é o caso da cadela Katy, que, abandonada no canil, sabe que “ninguém quer saber dela”.<sup>22</sup> A garantia de sobrevivência desses cães de raça (dobermanns, pastores-alemães, ridgebacks, bull terriers, rottweilers)

<sup>19</sup> COETZEE. *Desonra*, p. 86.

<sup>20</sup> BERGER. Os animais como metáfora, p. 8.

<sup>21</sup> COETZEE. *Desonra*, p. 166.

<sup>22</sup> COETZEE. *Desonra*, p. 92.

tampouco existe, como confirma a trágica cena em que os estupradores de Lucy invadem a casa e dizem barbaramente os cachorros do canil. Só a buldogue Katy se salva.

Por outro lado, há os cachorros miseráveis da “Liga pelo Bem-Estar dos Animais”, uma espécie de clínica dirigida pela estranha personagem Bev Shaw, que, em nome da compaixão e da responsabilidade ética, pratica a eutanásia desses e alguns outros animais não desejados, como forma de livrá-los do sofrimento de viver. “Vão todos morrer?”, pergunta David à mulher, depois de percorrer o terreno da clínica, onde vê “um bando de vira-latas esqueléticos lotando duas jaulas a ponto de explodir, latindo, chorando, ganindo, pulando de excitação”. Ao que ela responde: “Os que ninguém quiser. A gente sacrifica.”<sup>23</sup> É interessante como David, de alguma forma, vê a sua própria desgraça espelhada nesses cães e, ao ajudá-los a morrer (ele passa a auxiliar Bev Shaw na tarefa de “libertá-los” e de se livrar deles), exercita covardemente o que lhe resta de poder, de soberania: administrar a vida e a morte de uma criatura em radical estado de penúria, com a qual ele não deixa de se identificar, em seu estado de solidão, decadência, exclusão e desonra.

O cão, como apontou Susan McHugh, é o animal que oferece as conexões mais primárias entre os mundos humano e o animal, visto que sua existência é impensável fora dos domínios humanos. “As origens do cão paradoxalmente coincidem com o fato de eles se tornarem parte da vida cotidiana dos humanos”, diz ela.<sup>24</sup> Quando amados, recebem toda a gama de afetos, mas quando rejeitados e descartados, passam a representar a escória e, na condição de vira-latas, a ser associados aos humanos que também vivem à margem da vida social e política. A vida a que têm acesso é, assim, uma espécie de “matéria bruta”, ou uma “vida nua”, como Agamben a nomeou, sobre a qual o poder soberano se reproduz. É uma “vida indigna de ser vivida” e que, por ter perdido “a qualidade de um bem jurídico”,<sup>25</sup> perdeu definitivamente todo o seu valor para a sociedade.

Para Agamben, o conceito de “vida sem valor” (ou “indigna de ser vivida”) aplica-se, sobretudo, aos indivíduos considerados “irremediavelmente perdidos na sequência de uma doença ou de um ferimento”, o que justificaria, entre outros procedimentos “humanitários” para eliminá-la, a eutanásia.<sup>26</sup> Como a que é praticada por Bev Shaw em sua clínica. Ou seja, é uma prática que se inscreve nos domínios da biopolítica, visto que o poder soberano é exercitado por “quem decide acerca do valor ou do não valor da vida enquanto tal”.<sup>27</sup>

E aqui emerge uma questão: a vida importa menos para um animal? As palavras de Elizabeth Costello, em *A vida dos animais*, são uma resposta contundente a essa pergunta: “quem diz que a vida importa menos para os animais do que para nós nunca segurou nas mãos um animal que luta pela própria vida; todo o seu ser está na carne viva”.<sup>28</sup> Aliás, é o que Coetzee descreve em algumas cenas da vida/morte animal em

<sup>23</sup> COETZEE. *Desonra*, p. 99.

<sup>24</sup> McHUGH. *Dog*, p. 19, tradução minha.

<sup>25</sup> AGAMBEN. *O poder soberano e a vida nua (Homo Sacer)*, p. 132.

<sup>26</sup> AGAMBEN. *O poder soberano e a vida nua (Homo Sacer)*, p. 133.

<sup>27</sup> AGAMBEN. *O poder soberano e a vida nua (Homo Sacer)*, p. 137.

<sup>28</sup> COETZEE. *A vida dos animais*, p. 78.

*Disgrace*, como neste fragmento em que David Lurie percebe o quanto a morte importa para os cães da clínica:

Todo o seu ser fica tomado pelo que acontece naquela arena. Está convencido de que os cachorros sabem que chegou a sua hora. Apesar do silêncio e do procedimento indolor, apesar dos bons pensamentos que Bev Shaw fica pensando e que ele tenta pensar, apesar dos sacos hermeticamente fechados em que colocam os corpos, os cachorros do quintal farejam o que acontece lá dentro. Baixam as orelhas, enfiam o rabo entre as pernas, como se também eles sentissem a desgraça que é morrer; travam as pernas e têm de ser empurrados, puxados ou carregados para a porta. Na mesa, alguns se debatem furiosamente de um lado para outro, outros soltam ganidos melancólicos; nenhum olha para agulha na mão de Bev, que de alguma forma sabem que vai lhes fazer um mal terrível.<sup>29</sup>

Numa entrevista concedida a Jean-Luc Nancy, Derrida chamou a atenção para o fato de o mandamento “*Não matarás* nunca ter sido entendido, na tradição judaico-cristã, como *Não matarás os viventes em geral*. Segundo ele, “o outro é sempre um outro homem: o homem como outro; o outro como homem”.<sup>30</sup> A morte, assim, no âmbito da “máquina antropológica do humanismo”, é uma experiência exclusivamente humana, visto que, para os humanistas logocêntricos, os animais não têm consciência da morte e, portanto, não a experimentam *como tal*. Daí que, como afirmou Derrida, em uma das sessões de seu seminário *La bête et le souverain*, “é-se desculpado de qualquer crime contra qualquer vivente não humano”.<sup>31</sup>

Em *Desonra*, contudo, a culpa é um elemento importante nas cenas de eutanásia e descarte de cães, embora ela não incida de forma determinante nas ações dos personagens: o que eles sentem não altera necessariamente o que, para eles, tem que ser feito: sacrificar. Lucy, por exemplo, comenta com David que Bev sacrifica os cachorros não porque quer, mas por responsabilidade, e “fica muito mal depois”.<sup>32</sup> O próprio David, que afirmou ironicamente gostar de animais (ou de algumas partes deles) porque os come, surpreende-se com sua própria crise de choro dentro da Kombi em que costuma levar os corpos dos cães para o descarte. “Quanto mais mortes ajuda, mais nervoso fica”, afirma o narrador antes de relatar a cena. David chega, inclusive, a cogitar – diante dos afagos de Bev Shaw aos cães no momento de sacrificá-los com a injeção letal – que ela, no fundo, talvez não seja “um anjo libertador, mas um diabo” que sob os gestos de compaixão esconde “um coração mais duro que o de um açougueiro”.<sup>33</sup> Isso remete a uma pergunta que Marjorie Garber, em seu comentário sobre as palestras de Elizabeth Costello, formula: “O que a importância dada aos animais nos revela sobre as pessoas?”<sup>34</sup> Ou, em outros termos: o que o *tratamento* dado aos animais revela sobre as pessoas? David busca estabelecer essa relação ao se perguntar se Bev Shaw poderia mesmo merecer

<sup>29</sup> COETZEE. *Desonra*, p. 163.

<sup>30</sup> DERRIDA. *Eating well, or the calculation of the subject*, p. 279, tradução minha.

<sup>31</sup> DERRIDA. *La bête et le souverain*, p. 156, tradução minha.

<sup>32</sup> COETZEE. *Desonra*, p. 92.

<sup>33</sup> COETZEE. *A vida dos animais*, p. 164.

<sup>34</sup> COETZEE. *A vida dos animais*, p. 88.



sua confiança: “Os animais confiam nela, e ela usava essa confiança para sacrificá-los. Que lição tem para tirar dali?”<sup>35</sup>

Por outro lado, David é quem realiza o sacrifício mais cruel de toda a narrativa, revelando em si mesmo o que ele atribui a Bev Shaw. A cena se passa no final do romance e envolve um cão aleijado que gosta de David e se torna a única criatura a ouvir e apreciar a ópera de câmara que o ex-professor compõe sobre Byron. “O animal fica fascinado com o som do banjo”, diz o narrador.<sup>36</sup> O cão é descrito como “um jovem macho que tem um quarto traseiro murcho que arrasta pelo chão”, e que ninguém quis adotar. Consta que David começou a sentir “carinho particular” por ele, embora com o cuidado de não atribuir um nome ao animal (afinal, nomear é instituir como sujeito), pois sabe que ele é uma criatura condenada à agulha. O cão, por sua vez, passa a dedicar ao homem uma afeição generosa, ao ponto de o narrador afirmar: “o cachorro é capaz de morrer por sua causa, ele sabe disso”.<sup>37</sup> A atitude de David no fim do livro, quando decide pelo sacrifício do animal, surpreende a própria Bev Shaw. Após o vigésimo terceiro cão sacrificado do dia, sobra o aleijado, que gosta de música, e a mulher chega a sugerir que David deixe o cachorro para a semana que vem. Ele, entretanto, prefere exercer seu poder de administrar a vida e a morte do cão, como se esse fosse o único poder que lhe restasse depois dos sucessivos fracassos que viveu desde sua exoneração da universidade, ou como se seu orgulho não lhe permitisse o amor de um cão miserável.

A particularização de um dado cachorro, nesse contexto, faz emergir uma outra questão: a do sujeito animal. Quem é esse outro que sente, sofre, se deixa seduzir pela música e é capaz de amar? Como definir a subjetividade animal, se não somos capazes de saber, intrinsecamente, que é ser um cachorro?

Esse problema foi também levantado por Elizabeth Costello quando ela traz à tona o filósofo americano Thomas Nagel, autor do artigo intitulado “What is it like to be a bat?”<sup>38</sup> A personagem questiona os argumentos do filósofo, por considerar que a pressuposição de que “precisamos ser capazes de experimentar a vida do morcego por meio das modalidades sensoriais de um morcego”<sup>39</sup> é equivocada, visto que o que importa não são propriamente as especificidades fisiológicas do animal, mas a noção de *vida*. Nas palavras de Costello: “Estar vivo é ser uma alma viva. Um animal – e somos todos animais – é uma alma inserida num corpo.”<sup>40</sup> Se compartilhamos com os animais não humanos a condição de vivente, podemos sentir (ou imaginar) o que ele sente enquanto ser vivo, independentemente de sua espécie. Para ela, a recusa de se imaginar no corpo do outro,

---

<sup>35</sup> COETZEE. *Desonra*, p. 236.

<sup>36</sup> COETZEE. *Desonra*, p. 241.

<sup>37</sup> COETZEE. *Desonra*, p. 241.

<sup>38</sup> Texto originalmente publicado em 1971 e incluído, posteriormente, em ROSENTHAL. *The nature of mind*, p. 422-428. Cito um trecho em tradução de Paulo Abrantes e Juliana Orione: “Eu quero saber como é, para um morcego, ser um morcego. Mas quando tento imaginar isso, fico restrito aos recursos da minha própria mente, inadequada para essa tarefa. Não posso alcançar esse conhecimento nem mesmo imaginando acréscimos à minha experiência presente, nem imaginando segmentos gradualmente subtraídos dela, nem imaginando uma combinação de acréscimos, subtrações e modificações” (citado em *Cadernos de História e Filosofia da Ciência*, p. 15).

na vida do outro, é a base de muitos atos de crueldade. A alegação de que a linguagem e o pensamento são imprescindíveis para que a subjetividade se constitua enquanto tal é, sob esse prisma, algo inaceitável.

Disso podem emergir algumas interrogações: o que vem a ser, propriamente, subjetividade? Seria, como sustenta a maioria dos filósofos, uma instância reservada apenas àqueles que se enquadram nas categorias de eu, ego, personalidade, razão, consciência, desejo, vontade e intencionalidade?

Derrida aborda esse problema de forma contundente na já referida entrevista a Jean-Luc Nancy, quando justifica por que raramente usava os termos “sujeito” e “subjetividade”, preferindo falar de “um efeito de subjetividade”: “Porque o discurso sobre o sujeito continua vinculando a subjetividade ao humano”, ele afirma.<sup>41</sup> Sob esse prisma, a questão do “Quem” emerge para o filósofo como extremamente problemática, em termos tanto linguísticos quanto ético-políticos, por ser uma categoria restrita “à gramática do que chamamos gramática ocidental e limitada pelo acreditamos ser a própria humanidade da linguagem”.<sup>42</sup> Além de estar determinada por uma concepção genérica de “humano” e excluir todos os viventes não humanos. Daí ele concluir que o conceito de sujeito construído historicamente se configura como uma rede de exclusões, uma vez que não apenas os animais são impedidos do acesso ao “quem”, como também vários grupos de seres humanos considerados não sujeitos, renegados à condição de outros de nossa cultura e potencialmente não merecedores de consideração legal e moral. Esse “quem” é, inclusive, quem decide a vida ou a morte dos não sujeitos, quem os submete ao sacrifício.

Pode-se dizer, a partir desses apontamentos, que o estatuto do “Quem” é a grande linha de força do romance *Disgrace*, pois tudo, na narrativa, gira em torno desse eixo que envolve, num contexto sociopolítico extremamente problemático, diferentes sujeitos e subjetividades em tensão e contradição, sejam humanos ou não humanos. Quem, nesse contexto, tem o direito de matar, violentar? Quem tem o poder de legislar sobre a vida do outro? Quem deve morrer para ser salvo? Quem tem o direito de viver, mesmo que em desonra, em desgraça?

Coetzee, como se sabe, não oferece respostas para os impasses e paradoxos do livro, mas deixa claro que o conflito que os rege, inscrevendo-os na esfera biopolítica, é o conflito intrínseco entre o que se chama de animalidade e os limites do que é chamado de humano.



<sup>39</sup> COETZEE. *A vida dos animais*, p. 40.

<sup>40</sup> COETZEE. *A vida dos animais*, p. 41.

<sup>41</sup> DERRIDA. *Eating well, or the calculation of the subject*, p. 268.

<sup>42</sup> DERRIDA. *Eating well, or the calculation of the subject*, p. 277.

## ABSTRACT

This paper focuses, under the perspective of biopolitics, the question of animals in J. M. Coetzee's novels, with emphasis on *Disgrace* and *The lives of animals*, in order to show how the author, in a fictional way, not only criticizes the anthropocentrism of Western philosophy, but also explores the possible links between violence against animals and violence against humans. In this sense, he may be considered the contemporary thinker who, in the field of literature, has given more contribution to this debate.

## KEYWORDS

J. M. Coetzee, animals, violence, fiction, anthropocentrism

## REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. *O poder soberano e a vida nua (Homo Sacer)*. Trad. António Guerreiro. Lisboa: Presença, 1998.
- BERGER, John. Os animais como metáfora. Trad. Ricardo Maciel dos Anjos. *Suplemento Literário de Minas Gerais*, Secretaria de Cultura de Minas Gerais, Belo Horizonte, n. 1332, p. 6-9, set./out. 2010.
- CADERNOS de História e Filosofia da Ciência. Campinas, Unicamp, Série 3, v. 16, n. 1, jan.-jun. 2006.
- COETZEE, J. M. *A vida dos animais*. Trad. José Rubens Siqueira. São Paulo: Cia. das Letras, 2002.
- COETZEE, J. M. *The lives of animals*. Princeton: Princeton University Press, 1999.
- COETZEE, J. M. *Desonra*. Trad. José Rubens Siqueira. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.
- COETZEE, J. M. *Disgrace*. London: Non Basic Stock Line, 2000.
- DERRIDA, Jacques. Eating well, or the calculation of the subject. In: \_\_\_\_\_. *Points...interviews, 1974-1994*. Edited by Elisabeth Weber. Stanford: Stanford University Press, 1995.
- DERRIDA, Jacques. *La bête et la souverain*. Paris: Galilée, 2008. v. 1.
- DERRIDA, Jacques. *O animal que logo sou*. Trad. Fábio Landa. São Paulo, Editora Unesp, 2002.
- DERRIDA, Jacques. L'Animal que donc je suis (à suivre). In: \_\_\_\_\_. *L'animal autobiographique: autour de Jacques Derrida*. Paris: M.-L. Mallet, 1999.
- HERRON, Tom. The dog man: becoming animal in Coetzee's *Disgrace*. *Twenty Century Literature*, p. 467-490, v. 51, n. 4, Winter 2005.
- McHUGH, Susan. *Dog*. London: Reaktion Books, 2004.
- MONTAIGNE, Michel de. *Ensaaios*, II. 2. ed. Trad. Sérgio Milliet. São Paulo: Abril Cultural, 1980.
- ROSENTHAL, D. (Ed.) *The nature of mind*. Oxford: Oxford University Press, 1991.